

**Discurso de posse na Cátedra Olavo Setubal
de Arte, Cultura e Ciência em 27 de março de 2018,
na Sala do Conselho Universitário da USP**

Eliana Sousa Silva

Bom dia a todas e todos aqui presentes. É com alegria que agradeço ao reitor Vahan Agopyan e ao comitê de governança da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência pela indicação do meu nome para assumir a sua coordenação pelo período de um ano, dando continuidade aos trabalhos realizados por meu antecessor Ricardo Ohtake.

Primeiramente, queria partilhar com vocês, impossível, desculpe-me, não começar assim, a tristeza que me domina pelo momento desolador que vivemos no Brasil. As minhas ações continuam sendo pautadas por palavras centradas na ideia de que é preciso seguir em frente, mas, ao mesmo tempo, não posso deixar de expressar uma angústia que se faz presente em mim, que me perturba e com a qual tenho de lutar, mas, ao mesmo tempo, dialogar.

O convite realizado ao final de 2017 para que eu assumisse a coordenação da Cátedra foi uma surpresa. Justo no ano que me aposentei na UFRJ, onde trabalhei por 30 anos, em diferentes frentes; sendo as minhas duas últimas atividades as que mais sintetizaram o sentido maior da minha inserção num espaço acadêmico: (a) a criação de uma área dentro da Pró-Reitoria de Extensão denominada “Divisão de Integração Universidade – Comunidade”. A ideia de materialização dessa divisão dentro da UFRJ teve como entendimento a demanda urgente de rompermos com a dicotomia entre ensino-pesquisa e extensão, que tanto caracteriza o modelo de universidade que temos no Brasil e, a partir daí, estabelecer fluxos e interações com as demandas reais da sociedade, em particular os grupos sociais das periferias e (b) a coordenação de um curso de especialização na área de segurança pública voltado para profissionais do aparato das

polícias. Nessas duas atividades pude vivenciar uma experiência que tinha como essência elucidar o papel político – pedagógico que a universidade pode cumprir no seu engajamento com as demandas reais da sociedade brasileira.

Por isso, pensei ser essa uma oportunidade de pensar a relação de proximidade que deve existir entre o que é produzido na USP e o que a sociedade, em geral, demanda, em particular a população das favelas e periferias. Importante, também, chamar atenção, já que estamos num espaço acadêmico, para o fato de as periferias trazerem na sua essência a capacidade de inventividade e resiliência, sendo urgente irmos além das representações tradicionais a respeito dessas populações que, de maneira recorrente, estão focadas na ideia de carência e ausência.

Como já sinalizei, estamos vivendo um momento de muita tristeza e desesperança em nosso país. O estado de onde venho, o Rio de Janeiro, passa por um momento de muita turbulência, com muitas violações que atingem, basicamente, os moradores das favelas e das periferias. Não tenho como deixar de citar, nessa breve fala, da execução da vereadora Marielle Franco em 14 de março último. Uma liderança forjada a partir do trabalho que iniciamos na Maré, nas lutas mais básicas por direitos. Ela foi, como muitas jovens da Maré e de tantas periferias desse nosso país, alguém que ousou assumir bandeiras de lutas que enfrentassem as desigualdades que nos caracterizam. O caminho escolhido por ela foi a via parlamentar e em apenas um ano mostrou a sua força e convicções. A sua morte não pode ficar impune. Temos de nos engajar como sociedade para que esse crime seja esclarecido e os culpados responsabilizados. Desde o assassinato da Marielle já tivemos mais dezenas de homicídios, na sua grande maioria nas favelas e periferias, vitimando crianças e jovens.

Por isso, considero fundamental pensar minha inserção nesse espaço da USP a partir do reconhecimento da potencia que as

periferias e favelas trazem como essência. Meu desejo é criar pontes que permitam encontros, estranhamentos e vontade sincera de reconhecer o outro, nas suas diferenças.

E falo isso, no outro extremo de meu sentimento inicial, com alegria e convicção de que outra universidade é possível, que outra cidade é possível, que outro Brasil e mundo é possível.

E não apenas porque estou aqui assumindo essa cátedra: uma mulher nascida no interior da Paraíba, filha de pais semiletrados, criada na favela e estudante da escola pública. Mas, porque, acima de tudo, sou, me sinto, a força feminina que cada vez mais se levanta nesse país e mundo; sou a energia das mulheres, crianças, negros e indígenas das favelas e periferias; sou, me sinto representando a força da democracia que buscamos, pela qual luto e deu sentido a minha vida. Porque sou mulher, criança, brasileira, negra, indígena, branca, porque nessa cátedra me sinto disposta a contribuir para trazer o nosso país, o Brasil, em toda sua pluralidade e potência.

Muito grato, então, pela energia que vocês me dão, pela possibilidade de contribuir para construir o nosso presente/futuro, na luta para que muitas outras Marielles surjam, e possam viver com plenitude, alegria e liberdade.

Termino essa fala com a certeza de que juntos tornaremos essa experiência na USP uma oportunidade que possibilitará contribuir para que a universidade seja mais aberta, mais democrática, mais negra e periférica depois dessa nossa vivência comum.

Muito obrigada.